



A ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS E PORTUGUÊS EM CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA SURDOS: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

Fernanda Silveira Pereira da Silva¹

Luciana Oliveira Monteiro²

Resumo

A princípio, o Tradutor e Intérprete de Libras e Português (TILSP) no contexto escolar seria responsável pela mediação linguística entre o aluno surdo, o professor e colegas ouvintes, o que o tornaria peça fundamental na educação de surdos. Ainda há discussões a respeito de suas reais atribuições e colaborações neste sentido, como mostram as pesquisas realizadas por Quadros (2007), Sousa (2010), Santos, Grillo e Dutra (2010), Suzana (2014), Silva e Oliveira (2016), entre outros. Logo, o objetivo deste trabalho é relatar a experiência de sua primeira autora como TILSP em curso de educação profissional para surdos. Assim, este trabalho se encaixa na perspectiva dos estudos pós-críticos sendo construído pela pesquisa etnográfica de si mesmo, através de narrativas autobiográficas. O ambiente escolhido para este relato foi a Escola SENAI Marechal Rondon, no município de Porto Velho – RO. As vivências aqui narradas e discutidas foram extraídas entre os anos de 2012 a 2017 em turmas com alunos surdos no curso de Assistente de Produção. Discussões e reflexões foram feitas a respeito da atuação dos TILSP educacionais, suas possíveis atribuições e colaborações, assim como foram registradas experiências e vivências em cada etapa do curso em questão. Como conclusão, é notado a importância do trabalho em equipe entre o professor, o TILSP educacional e a coordenação pedagógica, cada um exercendo com respeito e responsabilidade o seu papel, mas juntos em favor da qualidade educacional dos surdos.

Palavras-chave: Tradutor e Intérprete de Libras e Português. Intérprete de Libras educacional. Educação de surdos. Educação profissional de surdos. Educação inclusiva.

¹Tradutora e Intérprete de Libras e Português na Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Pós-Graduada em Gestão Escolar e Educação Inclusiva com Ênfase em Libras, pela Faculdade de Ciências e de Tecnologia de Rondônia (FATEC/RO). Porto Velho, Rondônia, Brasil.fernandasilveira.tils@gmail.com, 69-999555248.

²Tradutora e Intérprete de Libras e Português na Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Integrante do grupo de Estudos Interdisciplinares das Fronteiras Amazônicas (GEIFA). Porto Velho, Rondônia, Brasil, luciana.monteiro@unir.br, 69-993320730.

A ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS E PORTUGUÊS EM CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA SURDOS: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

THE PERFORMANCE OF THE TRANSLATOR AND INTERPRETER OF LIBRAS AND PORTUGUESE IN VOCATIONAL TRAINING COURSES FOR THE DEAF: EXPERIENCES AND REFLECTIONS

Abstract

At first, the Libras and Portuguese Translator and Interpreter (TILSP) in the school context would be responsible for linguistic mediation between the deaf student, the teacher and fellow listeners, which would make him a key player in the education of the deaf. There are still discussions about their real attributions and collaborations in this regard, as shown by the research carried out by Quadros (2007), Sousa (2010), Santos, Grillo and Dutra (2010), Suzana (2014), Silva and Oliveira (2016), among others. Therefore, the objective of this work is to report the experience of its first author as TILSP in a professional education course for the deaf. Thus, this work fits into the perspective of post-critical studies being built by ethnographic research of itself, through autobiographical narratives. The environment chosen for this report was the SENAI MarechalRondon School, in the city of Porto Velho - RO. The experiences narrated and discussed here were extracted between the years 2012 to 2017 in classes with deaf students in the Production Assistant course. Discussions and reflections were made about the performance of educational TILSP, their possible assignments and collaborations, as well as experiences and experiences were recorded at each stage of the course in question. As a conclusion, it is noted the importance of teamwork between the teacher, the educational TILSP and the pedagogical coordination, each exercising their role with respect and responsibility, but together in favor of the educational quality of the deaf.

Keywords: Libras and Portuguese Translator and Interpreter. Educational Libras interpreter. Deaf education. Professional education of the deaf. Inclusive education.

1. Introdução

A inclusão de surdos no ambiente escolar é um tema fortemente discutido que envolve diversas reflexões, uma vez que as escolas precisam de meios e recursos adequados para acolher todos os alunos. Portanto, a inclusão dos alunos surdos vai além de colocá-los numa sala de aula regular, pois é preciso que se respeite as suas diferenças e que as suas especificidades sejam atendidas adequadamente, não é

A ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS E PORTUGUÊS EM CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA SURDOS: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

um trabalho fácil, porque ainda existem muitas dificuldades e falhas, ou seja, não há uma forma conceitual certa para lidar com essa questão.

O capítulo IV do Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, trata do acesso das pessoas surdas à educação, em seu Art. 14, é descrito que as instituições de ensino devem “garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação”, e esse acesso se expande em diversos momentos, “nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior”. Ainda no mesmo artigo, no primeiro parágrafo trata do atendimento educacional especializado, citando os profissionais necessários para este fim, em seu inciso III consta a necessidade do Tradutor e Intérprete de Libras e Português (TILSP).

A partir desta medida, o sistema educacional tem por obrigação possibilitar a interação entre professores e alunos surdos, assim, ao receber esses alunos é primordial que as suas diferenças linguísticas sejam respeitadas, oferecendo, portanto, subsídios metodológicos específicos para que esses alunos de fato se desenvolvam; a legislação ainda contempla e assegura os serviços de TILSP para alunos surdos sinalizantes (MARTINS, 2006, p. 160).

Muito tem se discutido sobre as atribuições do TILSP no contexto escolar, uma vez que esse profissional ainda está inserido em poucas instituições de ensino, sejam elas de educação básica ou superior. A princípio, este profissional seria responsável pela mediação linguística entre o aluno surdo, o professor e colegas ouvintes, o que o tornaria peça fundamental na educação de surdos.

Cabe ressaltar que o aluno surdo está amparado legalmente para frequentar a escola e necessita conviver com seus pares ouvintes de forma a adquirir conhecimentos para seu desenvolvimento acadêmico e profissional. Dessa forma, a atuação adequada do intérprete com o professor, traduzindo para o aluno surdo os significados dos conteúdos expostos, pode corroborar com uma educação de melhor qualidade e mais inclusiva. (FIGLIUZZI; SANTOS; GUIMARÃES, 2016, p. 02).

Porém, ainda falta maior clareza sobre até que ponto o TILSP pode estar contribuindo neste processo, quais seriam as suas reais atribuições. Com base

A ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS E PORTUGUÊS EM CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA SURDOS: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

nisso, Santos, Grillo e Dutra (2010, p. 03) afirmam que estes profissionais necessitam “conhecer o seu verdadeiro papel na escola para não ficarem alheios aos problemas cognitivos dos surdos em meio ao total despreparo do corpo docente quanto à elaboração das atividades e à metodologia de ensino”, os autores também ressaltam que o ideal seria que os professores ao se formarem, tivessem sido preparados para trabalhar com os alunos surdos, que conhecessem ao menos o básico da Língua Brasileira de Sinais – Libras, “mas a realidade é que a maioria dos educadores não tem interesse em buscar informações ou se aprofundar no mundo da Libras; preferem deixar tudo nas mãos dos intérpretes”.

Com esse cenário em mente, o objetivo deste trabalho é relatar a experiência de sua primeira atuação como TILSP em curso de educação profissional para surdos. Descrever a sua participação no processo educacional destes alunos em conjunto aos instrutores regentes e coordenação pedagógica. Pois ao compartilhar e refletir sobre vivências profissionais com os pares, pode-se colaborar para valorização do TILSP na educação de surdos.

2. Referencial teórico

Ao se reconhecer que os surdos brasileiros possuem uma língua própria chamada de Língua Brasileira de Sinais – Libras e que esta é distinta da Língua Portuguesa através da Lei Federal nº 10.436 de 24 de abril de 2002, as comunidades surdas brasileiras tiveram assegurado o seu direito linguístico. A partir dessa lei, os surdos firmam a sua acessibilidade linguística nos espaços da sociedade, surge então, a necessidade do Tradutor e Intérprete de Libras e Português (TILSP), a fim de garantir que essa acessibilidade aconteça de maneira adequada.

O TILSP é “o profissional que domina a língua de sinais e a língua falada do país e que é qualificado para desempenhar a função de intérprete. No Brasil, o intérprete deve dominar a língua brasileira de sinais e língua portuguesa”(QUADROS, 2007, p. 27). A presença dos TILSP nos mais diferentes

A ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS E PORTUGUÊS EM CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA SURDOS: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

espaços da sociedade é um ganho significativo à comunidade surda, pois terão acesso a estes setores e interação garantida em sua língua (ROSA, 2005, p. 152). Este fato, também é de bom para os TILSP, “pois se expandem as áreas de atuação das comunidades surdas, mais os intérpretes têm seu campo de atuação estendido” (RODRIGUES; VALENTE, 2011, p. 119).

O trabalho do TILSP, nas mais diferentes áreas, apresenta-se sempre como um desafio, pois ele necessita cumprir diversas exigências que surgem, como por exemplo, o domínio das línguas que trabalha, conhecimentos e técnicas tradutórias, história e cultura surda, além estar constantemente em contato com a comunidade surda (SOUSA, 2010, p. 60).

A respeito de lugares de atuação profissional, áreas como a política, judiciária e de conferência, por exemplo, estão ganhando mais espaço atualmente, porém, a área educacional ainda continua sendo a mais representativa. Sobre essa área, Silva, Grillo e Dutra (2010, p. 04) comentam que o primeiro e um dos maiores desafios que enfrentam os TILSP educacionais é a sua aceitação da equipe escolar em ter um novo profissional em seu quadro docente. Muitas escolas apenas o aceitam pelo simples fato de cumprirem a lei, para evitarem conflitos legais que pode prejudicar a imagem da instituição. Assim delegam ao TILSP a tutela dos alunos surdos.

Ainda ocorrem discussões sobre as verdadeiras atribuições deste profissional na educação de surdos. Na tentativa de esclarecer tal questão, a Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina publicou um livro com orientações aos TILSP do Estado, nele diz que os profissionais são responsáveis “pela interpretação de todas as atividades e eventos de caráter educacional, nas turmas mistas das séries finais do ensino fundamental e ensino médio, bem como nas modalidades da EJA, educação profissional e educação indígena”; e aponta também, as seguintes atribuições:

- estabelecer comunicação necessária à participação efetiva do aluno;
- trocar informações com o professor, relativas às dúvidas e necessidades do aluno, possibilitando ao professor regente a escolha de estratégias de ensino e aprendizagem;

A ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS E PORTUGUÊS EM CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA SURDOS: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

- estudar o conteúdo a ser trabalhado pelo professor regente, para facilitar a tradução da LIBRAS no momento das aulas e atividades escolares;
- participar da elaboração e avaliação do Projeto Político Pedagógico; (SANTA CATARINA, 2013, p. 19).

Também é interessante observar que na própria obra abaixo desse apontamento citado, o texto diz que algumas dessas questões ainda não estão claras, por parte, tanto da escola, quanto dos próprios profissionais e que por causa disso a Secretaria teria publicado este livro com orientações aos envolvidos no processo educacional do Estado, porém fica claro na obra que o TILSP “não é responsável pelo ensino e aprendizagem do aluno surdo” (SANTA CATARINA, 2013, p. 23).

Sobre essa discussão, Silva e Oliveira (2016, p. 698) explicam com base em outras pesquisas sobre o assunto, que o TILSP educacional passa a se comprometer com a construção do conhecimento dos alunos surdos, se colocando como um mediador nesse processo, conseqüentemente isso traz novos desdobramentos para sua atuação profissional. Em função disso, no momento que o TILSP é inserido na escola, “o trabalho de tradução, interpretação e o trabalho docente, de certa maneira, articulam-se na atuação desse profissional, produzindo novas configurações”, ou seja, o trabalho docente acaba influenciando da sua atuação, mas não a ponto do TILSP substituir o professor, assumindo a responsabilidade pelo ensino do aluno surdo.

3. Metodologia

Este trabalho é produto de discussões e reflexões das autoras sobre as experiências vividas pela primeira como TILSP numa instituição de Educação Profissional, e como estas experiências influenciam a formação de um TILSP, logo, este trabalho foi construído na perspectiva dos estudos pós-críticos se caracterizando como uma pesquisa etnográfica de si mesmo, apresentando uma abordagem qualitativa. Sobre a articulação entre os estudos pós-críticos, a etnografia de si mesmo e os estudos surdos, Cruz (2019) esclarece que:

A ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS E PORTUGUÊS EM CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA SURDOS: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

Os pressupostos dos Estudos Surdos Pós-críticos e da etnografia de si mesmo contribuíram com a fundamentação de uma metodologia que possibilitou rupturas com padrões de pesquisa acadêmicas tradicionais. A nossa opção se trata de uma nova forma fazer científico que permite a construção dos procedimentos a partir de pressupostos teóricos relacionados à etnografia de si mesmo a partir de narrativas autobiográficas da própria história profissional do pesquisador. (CRUZ, 2019, p. 29).

Entende-se que a pesquisa etnográfica tem sido tradicionalmente utilizada para descrever os elementos de uma específica cultura, como crenças, valores, comportamentos e outros, com base em informações coletadas por meio de trabalho de campo, assim, esse tipo de pesquisa é proveniente da Antropologia (GIL, 2017, p. 39). Para que os objetivos deste trabalho fossem alcançados, a pesquisa etnográfica é tratada com uma visão mais atual, ou pós-moderna, indo de encontro com os estudos pós-críticos, ou seja, ela é redirecionada como explica Gil (2017), dando maior liberdade ao pesquisador:

A maioria das pesquisas etnográficas conduzidas contemporaneamente não se voltam para o estudo da cultura como um todo. Embora algumas pesquisas possam ser caracterizadas como estudos de comunidade, a maioria realiza-se no âmbito de unidades menores, como empresas, escolas, hospitais, clubes e parques. E não se valem unicamente das técnicas de entrevista e de observação, mas também da análise de documentos, de fotografias e filmagem [...] Como ela é realizada no próprio local em que ocorre o fenômeno, seus resultados costumam ser mais fidedignos. (GIL, 2017, p. 39).

Desse modo, essa etnografia pós-moderna que conduziu a construção deste trabalho é baseada em narrativas autobiográficas que, segundo Cruz (2019, p. 30), “revelam a etnografia do próprio pesquisador”. As narrativas autobiográficas se constituem como uma estratégia de auto formação, pois de acordo com Cavalcante, Silva e Cavalcante (2017, p. 1689), através das narrativas “afloram as vivências, experiências devida e itinerários de cada um para juntos produzirem conhecimento, caracterizando a pesquisa-formação como um momento de interação e espaço de formação”, isso significa que essas narrativas, segundo os autores, se constituem em importantes instrumentos de investigação sobre a formação, “pois evidenciam a questão da subjetividade do sujeito, sua trajetória de formação e experiências de

A ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS E PORTUGUÊS EM CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA SURDOS: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

vida” (CAVALCANTE; SILVA; CAVALCANTE; 2017, p.1690). Arrematando essa ideia, Cruz (2019, p. 30)relata que:

[...] a história pessoal de um profissional pode revelar a etnografia de si mesmo por meio de narrativas etnográficas que demonstram suas experiências profissionais, revelando novas dimensões e conhecimentos que colocam o pesquisador na posição de protagonista da sua própria pesquisa.

Esse trabalho, também foi construído pela abordagem qualitativa, cujas metas de investigação, conforme apontam Prodanov e Freitas (2013, p. 71), são, por exemplo: o entendimento, a descrição, a descoberta, a generalização e a hipótese. Além disso, os autores também explicam que este tipo de pesquisa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados a serem usados, e que o por isso, o pesquisador acaba mantendo contato direto com este ambiente e por consequência, com o objeto de estudo em questão.

Para este trabalho, o ambiente escolhido foi a Escola SENAI Marechal Rondon, que era uma das unidades do SENAI – Departamento Regional de Rondônia, localizada na região central de Porto Velho. Atualmente essa unidade se encontra fechada, mas existem outras na cidade. Apesar disso, neste trabalho decidiu-se abordá-lo por ser o local onde aconteceram as vivências e experiências aqui narradasno período de 2012 a 2017. Nas outras unidades, neste período, não tinham alunos surdos, pois a Escola SENAI Marechal Rondon era a mais preparada para receber estes alunos, assim como os alunos com outras deficiências. Outro fato que aumentava a procura de cursos nesta unidade pela comunidade surda, era que no referido período, pouquíssimos lugares ofereciam cursos profissionais para surdos.

A unidade oferecia cursos em duas modalidades: Aprendizagem Industrial e Qualificação Profissional. A primeira modalidade era ofertada em parceria com indústrias, através do Programa Jovem Aprendiz, ou seja, os alunos eram contratados pelas indústrias como Jovens Aprendizes e realizavam o curso. Na segunda modalidade, os cursos eram voltados à comunidade geral. Para este trabalho, as narrativas abordaram as vivências experiências como TILSP nos cursos

A ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS E PORTUGUÊS EM CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA SURDOS: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

de Assistente de Produção que pertence à área administrativa, pois foram nestes cursos que mais tiveram surdos matriculados, porém, também outros cursos tiveram surdos assistidos, como no curso de Panificação Industrial (área de alimentos) e Operador de Computadores (área da informática), ambos na modalidade Aprendizagem Industrial; assim como também no treinamento em Costura Industrial que foi oferecido a uma aluna surda, com o intuito dela representar Rondônia na competição nacional promovida pelo SENAI chamada de Olimpíada do Conhecimento SENAI/SESI.

A unidade contava com uma boa estrutura física. Com salas de aula amplas e confortáveis divididas em blocos, biblioteca, auditório, área de alimentação, laboratório de informática, laboratório de desenho técnico, uma pequena oficina mecânica, uma pequena cozinha industrial, um galpão de costura e salas destinadas aos instrutores, coordenação e administração geral.

4. Resultados e Discussão

A atuação como TILSP na Escola SENAI Marechal Rondon perdurou por cinco anos, num período de 2012 até 2017. As principais turmas acompanhadas foram as de Assistente de Produção, o curso durava cerca de um ano e era voltado à área de Gestão/Administração. As turmas eram compostas por aproximadamente 25 alunos, em sua maioria surdos, os demais apresentavam outras deficiências. Cada disciplina, inicialmente, tinha um instrutor responsável, estes normalmente eram bacharéis especializados, ou seja, eles tinham uma formação mais técnica do que pedagógica. As aulas ocorriam de segunda a sexta com a carga horária diária de 4 (quatro) horas, no turno da manhã ou da tarde.

Estes instrutores nunca haviam ministrado aulas para alunos com deficiência, então foram realizadas pequenas reuniões comigo e, em algumas ocasiões, com a coordenação pedagógica. Estas eram realizadas periodicamente antes de entrarmos em sala de aula. Nestas reuniões, eram discutidas quais seriam as melhores estratégias didáticas para se utilizar. Eis aqui um fato que julgamos importante, a minha colaboração como TILSP no planejamento das aulas junto ao instrutor da

A ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS E PORTUGUÊS EM CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA SURDOS: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

disciplina e a coordenação pedagógica. Isso é bem difícil de acontecer, normalmente o instrutor ou professor planeja suas aulas sozinho, sem a participação do TILSP educacional, chegando em sala com tudo pronto, ou seja, a mesma aula que ele prepara para o aluno ouvinte, é reaproveitada sem nenhuma readaptação didática ao aluno surdo. Esse cenário é comum por exemplo em Instituições de Ensino Superior (IES), como relata Lacerda:

Além disso, as IES, de modo geral, estavam pouco preparadas para a inclusão do aluno surdo e, conseqüentemente, para a presença do intérprete em sala de aula. Professores resistentes à presença do TILS, preparando aulas considerando somente os alunos ouvintes; desentendimento entre professores e intérpretes que se refere aos processos de avaliação dos alunos são frequentes. Observa-se, de forma geral, um despreparo de todos os atores para compartilharem esta cena. (LACERDA, 2010, p. 141).

Nesta Instituição, ocorria exatamente o contrário, os instrutores sempre se reuniam comigo para debater sobre a questão metodológica das aulas, o que eles poderiam estar fazendo para melhorar o processo de ensino, debatíamos os principais assuntos que seriam abordados na disciplina e qual seriam as melhores estratégias pedagógicas para ministrar esses conhecimentos aos alunos surdos. Essas ideias nascidas dessas reuniões eram aplicadas em sala e o feedback positivo dos alunos era notório. Isso porque as aulas foram pensadas e planejadas com os devidos ajustes para eles, respeitando as suas singularidades. Foram feitas adaptações textuais, a exploração de recursos visuais disponíveis foi intensa, os diferentes espaços pedagógicos eram bem mais explorados e as interpretações fluíam melhor, pois ter acesso ao conteúdo das aulas com antecedência, onde dúvidas eram tiradas e conceitos específicos eram esclarecidos, isso porque eu participava do planejamento ativamente, resultando num processo tradutório com mais eficácia por ter maior propriedade dos assuntos, assim, fazendo melhores escolhas tradutórias e interpretativas.

Foi muito valioso participar do planejamento das aulas, pois a colaboração entre o TILSP educacional e instrutor ou professor, pode resultar numa melhor dinâmica pedagógica favorecendo um ensino mais ativo, isso porque o TILSP conhece mais a fundo a cultura e a identidade surda do que a maioria dos

A ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS E PORTUGUÊS EM CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA SURDOS: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

professores que se deparam com alunos surdos, em especial os instrutores desta instituição que em sua maioria não possuíam uma formação pedagógica aprofundada. Com base nisso, o TILSP acaba se tornando o especialista no assunto, por ter contato direto com a comunidade surda, além de conhecer e estudar a Libras. Assim, nessa parceria, o professor entra com os conhecimentos específicos da disciplina e o TILSP o auxilia nas escolhas das estratégias didáticas e dos materiais mais adequados por conhecer a realidade cultural e o processo de aprendizagem dos alunos surdos. Em relação a este tipo de parceria na educação profissional, Figliuzzi, Santos e Guimarães (2016) relatam que:

[...] nem sempre o intérprete tem conhecimentos suficientes para transmitir determinados termos técnicos específicos, visto que cada curso técnico possui disciplinas com 'jargões especializados', e o intérprete nem sempre domina adequadamente todos os termos quando faz a tradução simultânea, o que evidencia a necessidade de capacitação específica e maior interação com o professor da disciplina para que a inclusão seja efetiva, com substancial rendimento e aproveitamento desses alunos, além de fomentar a interação entre ouvintes e não ouvintes. (FIGLIUZZI; SANTOS; GUIMARÃES, 2016, p. 03).

É importante ressaltar aqui, que apesar da parceria no planejamento das aulas, ao executá-las em sala, cada profissional exercia o seu papel distintamente. O instrutor ministrava todas as aulas, orientava as atividades propostas e era o responsável pela avaliação de cada aluno, cabendo a mim, somente a mediação linguística entre ele e os alunos, ou seja, a tradução e interpretação durante esses processos. Trabalhávamos como uma verdadeira equipe, colaborando um com outro sem invadir o espaço profissional de ambos, isso é muito importante para que não haja equívocos sobre o papel de cada profissional em sala de aula, assim como retratam Suzana (2014) e Silva e Oliveira (2016).

Por mais que o intérprete tenha a formação específica e saiba que sua função é apenas mediar a comunicação não se pode negar que seu trabalho na sala de aula é complexo. Diariamente ele precisa adotar uma postura de ser apenas o canal de passagem de uma língua para a outra. Para isso deve ter em mente que não é responsável pelo aprendizado do aluno e no momento que este se dirigir com uma dúvida, uma pergunta, ou pedindo uma orientação precisa chamar o professor para respondê-la. (SUZANA, 2014, p. 04).

A ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS E PORTUGUÊS EM CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA SURDOS: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

[...] em muitos casos, ocorre uma transferência da responsabilidade de ensinar ao aluno surdo para o intérprete de Libras, o qual, no anseio de apresentar resultados de seu trabalho, assume essa função. Diante de tal configuração, o estudante surdo acaba por não compreender o trabalho do intérprete de Libras, situando-o como o responsável pelo seu processo de aprendizado, reportando-se a ele para sanar eventuais dúvidas e tratando-o como uma espécie de tutor do seu aprendizado. (SILVA; OLIVEIRA, 2016, p. 698).

Devido a esse trabalho em equipe, o ato de traduzir e interpretar era feito sem grandes complicações. As aulas eram reajustadas com mais imagens e vídeos condizentes com os conteúdos, além de uma linguagem mais clara onde se ensinava o nome técnico de um determinado procedimento e sua aplicação prática com vários exemplos com o intuito de aproximar os alunos da realidade profissional abordada pelo curso. Apesar disso, o fundamental mesmo era ter acesso ao material do instrutor com antecedência e poder esclarecer dúvidas (ainda mais que não sou formada na área administrativa), isso traz mais qualidade ao ato tradutório, trazendo mais clareza e compreensão aos alunos, assim como afirma Quadros (2007, p. 61): “Os intérpretes têm o direito de serem auxiliados pelo professor através da revisão e preparação das aulas que garantem a qualidade da sua atuação durante as aulas”.

O feedback dos alunos era ótimo nas diversas atividades que realizavam, pois eles conseguiam desenvolver bem o que era proposto com pouquíssimas dúvidas e atendiam satisfatoriamente as expectativas dos instrutores. As aulas fluíam de forma muito tranquila e proveitosa.

Algumas pessoas acreditam que ser intérprete educacional significa apenas traduzir o que os professores falam em sala de aula e que não é preciso planejar suas atuações e preparar as aulas. De fato, elaborar atividades é responsabilidade do professor, mas o TILSP deve ter contato com o planejamento para se preparar para a interpretação na aula. Caso haja dúvidas do conteúdo, elas deverão ser sanadas com antecedência para que não se prejudique o processo cognitivo do aluno surdo. Não sabendo como mediar a explicação do professor, é preciso entender para interpretar. (SILVA; GRILLO; DUTRA, 2010, p. 03).

A dinâmica em sala de aula era semelhante como em outras instituições de ensino. Os instrutores ministravam aulas expositivas e eu realizava a interpretação simultânea. O instrutor fazia algumas perguntas aos alunos sobre o conteúdo durante a exposição, os alunos respondiam em Libras e eu realizava a interpretação

A ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS E PORTUGUÊS EM CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA SURDOS: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

na modalidade oral, da mesma forma quando eles tinham alguma dúvida ou opinião, eles se manifestavam em Libras e eu interpretava para o instrutor. Os instrutores estimulavam bastante os alunos a opinarem durante as aulas, trazendo as experiências que eles tinham, e os alunos gostavam bastante, participavam mesmo.

Durante as atividades, eu e o instrutor ficávamos observando como os alunos colocariam em prática, os conteúdos ministrados durante a aula e as orientações fornecidas. Para tal, essas atividades eram simulações do cotidiano empresarial, então neste momento, eu procurava interferir o mínimo possível. Isso era explicado aos alunos, para que eles desenvolvessem autonomia e proatividade, competências imprescindíveis ao mercado de trabalho, ainda mais por sabemos que dificilmente as empresas contratam TILSP para acompanhar os surdos em suas atividades laborais e que os demais funcionários muitas vezes não conhecem a Libras, logo, é importante que o surdo consiga desenvolver seus afazeres da forma mais independente possível, era essa a proposta desse nosso posicionamento, claro que se por acaso o aluno tivesse muitas dúvidas o instrutor dava mais orientações até o aluno conseguir realizar a atividade sozinho.

No início, alguns alunos estranharam essa dinâmica, principalmente o meu posicionamento de ficar mais reclusa e houveram algumas reclamações a respeito disso por parte deles. Ao ser averiguado o porquê dessas reclamações, entendemos e ao mesmo tempo, lamentamos o motivo, estes alunos alegavam que na escola que estudavam, muitos TILSP forneciam as respostas prontas das atividades ou faziam parte dos trabalhos escolares, ou seja, estes alunos não estavam acostumados ao menos tentar realizar suas atividades sozinhos. Infelizmente esse comportamento de alguns TILSP é prejudicial ao aluno surdos, pois causa uma relação de dependência entre ambos, o que não é recomendado. A proposta educacional do SENAI é justamente ao contrário, é oferecer as ferramentas e conhecimentos necessários aos alunos para que se tornem profissionais competentes com autonomia e proatividade.

Devido a esse mal-entendido, mais uma vez foi explicado para toda a turma que a todo momento das atividades propostas, eles estavam sendo supervisionados tanto pelo instrutor quanto por mim, e que todas as orientações

A ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS E PORTUGUÊS EM CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA SURDOS: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

seriam dadas e as dúvidas seriam sanadas a qualquer momento, porém, era de suma importância que eles tentassem realizar essas atividades sozinhos primeiramente, caso realmente não conseguissem, seriam sim devidamente reorientados. Aos poucos, os alunos foram compreendendo a importância dessa dinâmica e não houveram mais reclamações, ao contrário, eles se dedicaram bastante nas atividades posteriores.

Como foi mencionado anteriormente, os alunos desse curso, eram contratados por uma empresaparcera do SENAI, em função disso, eram realizadas visitas técnicas a esta empresa mensalmente. Essas visitas eram previamente agendadas no mesmo horário em que os alunos estariam em sala de aula. Os alunos eram acompanhados pelo instrutor da disciplina, um outro instrutor convidado e por mim. Nessas visitas técnicas, os alunos tinham a oportunidade de conhecer os diferentes setores da empresa, em especial os setores administrativos. Eram também realizadas palestras pelos funcionários da própria empresa, todas interpretadas por mim, pois a empresa não tinha o seu próprio TILSP e os funcionários não sabiam Libras.

Em relação a essas palestras, eu não tinha muitas informações do que seria proferido, a responsável do Recursos Humanos só informava que seria algo referente a disciplina que estariam cursando no momento, relacionando com as atividades laborais da empresa. Então a interpretação acontecia de forma simultânea com a fala do palestrante. Ainda em relação a empresa, eu também auxiliiei todo o processo de contratação dos alunos para o curso: orientando os alunos quanto a documentação necessária para a matrícula, como o acompanhamento nos exames médicos admissionais e posteriormente os exames demissionais.

Ao final do curso, era realizado um relatório avaliativo geral de cada aluno, chamado de Formulário de Desempenho Final de Curso. Neste, era avaliado as competências, habilidades e conhecimentos demonstrado pelo aluno ao longo do curso. Para esta etapa final, também fui convidada pela coordenação pedagógica, para estar junto aos instrutores, colaborando com as informações a serem preenchidas. Para esclarecer, os instrutores eram responsáveis por avaliar os

A ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS E PORTUGUÊS EM CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA SURDOS: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

alunos em suas respectivas disciplinas, neste momento eu não participava, ficavam a cargo dos instrutores escolher os instrumentos avaliativos mais adequados a sua disciplina. Este relatório era diferente, era uma avaliação a mais, nele constava um panorama geral do desempenho dos alunos no decorrer do curso todo, neste sim, fui chamada para participar. O processo avaliativo era realizado dessa maneira com muita responsabilidade, pois além do certificado final que o aluno receberia, o Formulário de Desempenho Final de Curso também era encaminhada à empresa, isso porque a mesma escolhia alguns alunos para realizar a contratação efetiva destes.

5. Conclusões

Através das narrativas autobiográficas descritas, foi possível discutir e refletir sobre o papel do TILSP educacional. O quão importante é este profissional na educação de surdos, ainda mais quando falamos de educação profissional. Pois infelizmente ainda são poucas as instituições que estão preparadas para receber os surdos. Esperamos com este trabalho, colaborar para que a participação do TILSP educacional seja mais ativa no processo de ensino e aprendizagem de surdos. Acreditamos que a parceria entre os atores deste processo: professores, TILSP e coordenação pedagógica, favorece significativamente o aprendizado dos surdos em qualquer esfera educacional.

As discussões aqui levantadas nos fizeram reafirmar o quão é importante a atuação responsável do TILSP na esfera educacional. Digamos responsável, por entender que para este profissional contribuir assertivamente na educação dos surdos, ele precisa estar capacitado para isto, ou seja, além de conhecer os processos tradutórios que envolvem a Libras e o Português, ele também precisa conhecer e entender sobre o ensino, a cultura e identidade dos surdos.

Participar ativamente em todas as etapas do curso de Assistente de Produção: auxiliar na contratação dos alunos, contribuir com o planejamento das aulas, receber todo aparato da coordenação pedagógica, ter acesso ao conteúdo das

A ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS E PORTUGUÊS EM CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA SURDOS: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

disciplinas com antecedência, ter liberdade junto ao instrutor para sanar dúvidas e compreender melhor os conceitos técnicos, ter disponível recursos visuais para auxiliar o processo tradutório entre outros, refletiram positivamente no meu trabalho como TILSP educacional, pois trabalhava com maior segurança e clareza, pois os surdos participam das aulas e realizavam as atividades de acordo com as perspectivas dos instrutores.

Deixamos aqui a nossa colaboração para a valorização dos TILSP educacionais no processo de ensino e aprendizagem de surdos. Convidamos através destas reflexões: os professores a trocarem saberes com estes profissionais, a formarem parcerias; os TILSP educacionais para se aprofundarem em seus estudos tradutórios e a conhecerem também a educação de surdos; a coordenação pedagógica a estar junto, acompanhando de perto todo o processo educativo, orientando os professores e TILSP. Acreditamos que a união desses profissionais reflete positivamente no aprendizado dos surdos, cada um fazendo o que lhe compete, mas de mãos dadas.

Referências

BRASIL. **Decreto nº 5.626**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Casa Civil, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 05 de nov. de 2020.

CAVALCANTE, Jeronimo Jorge; SILVA, Edilania de Paiva; CAVALCANTE, Fabiana Lopes. Método (auto) biográfico e a pesquisa formação. *In*: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA (CIAIQ), 6., 2017, Salamanca. **Atas CIAIQ2017**. Salamanca: Universidade de Salamanca, 2017. p. 1668-1697. Disponível em: <https://2018.ciaiq.org/atas-2/>. Acesso em: 05 de nov. de 2020.

CRUZ, Jacó da Silva. **O intérprete de língua de sinais na educação superior: limites e possibilidades**. 2019. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia, 2019.

A ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS E PORTUGUÊS EM CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA SURDOS: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

FIGLIUZZI, Renato Cesar; SANTOS, Washington Romão dos; GUIMARÃES, Kênia Cristina Tinelli. Inclusão do Aluno Surdo na Educação Profissional: a importância da interação entre o intérprete de libras e os demais atuantes no processo de ensino do Curso Técnico da Escola Estadual Leopoldino Rocha em Itapemirim-ES. **Estação Científica**, Juiz de Fora, n. 15, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://portal.estacio.br/media/6080/5-inclus%C3%A3o-do-aluno-surdo-na-educa%C3%A7%C3%A3o-profissional.pdf>. Acesso em: 01 de out. de 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017. *E-book*.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. **Cadernos de Educação**, Pelotas: FaE/PPGE/UFPel, [36]: 133 - 153, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n36/06.pdf>. Acesso em: 28 de jul. de 2012.

MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira. Processos Tradutórios, Línguas de Sinais e Educação. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2, p.158-167, jun. 2006. ISSN 1676-2592. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/800/815>. Acesso em: 05 de nov. de 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de (Org.). **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 01 de out. de 2020.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Brasília: MEC; SEESP, 2007.

RODRIGUES, Cristiane Seimetz; VALENTE, Flávia. **Intérprete de Libras**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2011.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. Fundação Catarinense de Educação Especial. **Intérpretes educacionais de Libras: orientações para a prática profissional** / Org. João Paulo Ampessan, Juliana Sousa Pereira Guimarães e Marcos Luchi -- Florianópolis: DIOESC, 2013. Disponível em: https://www.fcee.sc.gov.br/images/stories/Publica%20fcee/manual_intrprete_web.pdf. Acesso em: 15 de out. de 2020.

SANTOS, Itamar Lopes dos; Grillo, Jocimara Paiva; DUTRA, Perpétua Aparecida A. Intérprete educacional: teoria versus prática. **Revista da Feneis**, n. 41, set-nov, 2010. Disponível em:

A ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS E PORTUGUÊS EM CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA SURDOS: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

http://www.lettras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/dialogosdeinclusao/Interprete_educacional.pdf. Acesso em: 16 de out. de 2020.

SILVA, Keli Simões Xavier; OLIVEIRA, Ivone Martins de. O Trabalho do Intérprete de Libras na Escola: um estudo de caso. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 695-712, jul./set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edreal/v41n3/2175-6236-edreal-41-03-00695.pdf>. Acesso em 15 de out. de 2020.

SOUSA, Danielle Vanessa. Interpretação Libras/Português: uma análise da atuação dos tradutores/intérpretes de libras de São Luís. **Revista Littera**, v. 1, n. 1, jan./jul. 2010. 60-66. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/108/67>. Acesso em: 17 de jun. de 2012.

SUZANA, Elisama Rode Boeira. Professor ou intérprete? Reflexões sobre a atuação do TILS na educação de surdos da escola regular. *In: Anais. X ANPED SUL*, Florianópolis, outubro de 2014. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/614-0.pdf. Acesso em: 06 de out. de 2020.